

Desenvolver a região

José Roberto Arruda

Brasília não foi construída apenas para ser uma cidade-bonitinha e com cara de capital. Ela foi construída para ser, principalmente, um instrumento da interiorização do desenvolvimento nacional.

Antes de Brasília, o mapa econômico e demográfico brasileiro era litorâneo. Os brasileiros viviam numa faixa de terra de cem a 200 quilômetros do Oceano Atlântico, olhando para o mar. Depois de Brasília, o brasileiro teve a coragem de voltar as costas para o Oceano Atlântico, olhar o Planalto Central e atravessar o seu interior. Não só Brasília, mas a construção de estradas, de usinas hidrelétricas, gerou a conquista de nosso território pelos próprios brasileiros. E isso só aconteceu 450 anos após a descoberta do País.

Ao longo desses 35 anos, Brasília consolidou-se como cidade-capital. Não há dúvida de que o Plano Piloto é um espaço vocacional para o exercício do comando político-administrativo do País. No entanto, além de não se consolidar como pólo de desenvolvimento econômico do Centro-Oeste, passou a sofrer o revés da medalha — que foi atrair correntes migratórias e sofrer uma pressão enorme de uma região economicamente pobre e socialmente injusta. Ao invés de ser indutora do desenvolvimento, passou a ser um oásis.

Por mais paradoxal que possa parecer, a maior e mais importante solução para os problemas urbanos de Brasília não está mais dentro de Brasília. Está fora. Porque é utopia achar que nós vamos ter uma boa qualidade de vida aqui dentro, se nas cidades do Entorno não há emprego, não há escola, não há segurança, as estradas estão esburacadas. O que nós defendemos é um projeto de desenvolvimento econômico integrado entre Brasília, as cidades-satélites, os assentamentos e a região do Entorno.

Este projeto já foi levado ao Banco Mundial, que o acolheu com grande interesse. Mas para que ele

se viabilize necessita do concurso dos governos de Brasília, Goiás, Minas, Tocantins e do governo federal. O projeto do Banco Mundial prevê a construção de pequenas estradas, postos de saúde, escolas. E, mais importante, incentiva a vocação econômica própria de cada microrregião. Ou seja, se Cristalina já produz pedras preciosas mas os meninos vendem a pedra bruta, descalços na beira da estrada, é preciso fazer ali um centro de lapidação. É preciso permitir que Padre Bernardo, que é um grande produtor de leite, produza os seus laticínios. Que Pirenópolis, um grande pólo turístico, tenha incentivado essa sua vocação. Enfim, incrementar as vocações econômicas próprias, de tal maneira que elas cresçam.

Mas isso não se pode fazer simplesmente com um programa de construção de estradas, ou de energia elétrica, ou de água. Tem que fazer uma matriz, porque esse desenvolvimento é integrado.

Esse projeto matricial, envolvendo os estados, os municípios, a União e o Banco Mundial, seria capaz de, num prazo de dez anos, modificar totalmente, para melhor, os índices de medição socioeconômica dessa região, de tal maneira a preservar Brasília.

O país voltou a crescer. O plano de estabilização econômica gerou as condições para sustentar esse crescimento. A opção que propomos é crescer no Centro-Oeste, onde a gente sabe quando vai chover, onde a água é abundante, onde a densidade demográfica é baixíssima, as estradas estão prontas, a Embrapa já dominou a tecnologia de produção agrícola do cerrado.

Esta, enfim, é uma região que tem tudo para redirecionar o novo modelo de desenvolvimento econômico brasileiro. As condições para isso existem. Basta enfrentar o desafio.

Senador